

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura  
27 a 29 de maio de 2009  
Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

## UM COPO DE CÓLERA, DE RADUAN NASSAR E A FRAGILIDADE DOS RELACIONAMENTOS HUMANOS: DO TEXTO PARA A TELA

Dislene Cardoso de Brito<sup>1</sup>

### Resumo

Este ensaio analisa a novela “Um copo de cólera”, de Raduan Nassar e sua adaptação para o cinema por Aluizio Abranches e Flávio R. Tambellini. O estudo utiliza como suporte teórico, os estudos de Bauman (2004) e demais autores que abordam o amor nas sociedades contemporâneas. Pretende-se com esse ensaio mostrar como a fragilidade nos relacionamentos humanos nessas sociedades inviabiliza a solidez nas uniões amorosas.

**Palavras-chaves:** Um copo de cólera. Cinema. Literatura. Relacionamentos. Sociedade Contemporânea.

*Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo  
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.  
(Manuel Bandeira - Arte de amar)*

Segundo Octavio Paz (1994), a literatura ocidental é marcada pela presença da temática do amor. “Uma das funções da literatura é a representação das paixões” (PAZ, 1994, p. 93). No entanto cada poeta ou escritor tem uma visão diferente de amor, levando em conta sua concepção de amor e o momento histórico vivido por ele. Nas sociedades contemporâneas, o amor representa as contradições próprias da sociedade de consumo, onde a velocidade e aceleração marcam o ritmo não só da economia, mas também dos relacionamentos amorosos.

O amor não é um sentimento que qualquer um possa cultivar sem maiores problemas. Pode-se acrescentar a essa assertiva, que o amor também não é um objeto fácil de ser escrito ou analisado. O sentimento amoroso, devido à sua complexidade e

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras - Universidade Federal da Bahia (UFBA).  
E-mail para contato: dislencardoso@hotmail.com

subjetividade, dificulta qualquer abordagem científica. O que se pretende nesse ensaio é apresentar uma visão do amor e das relações amorosas, dentre as muitas que existem. Propõem-se neste estudo abordar o amor dentro de uma visão contemporânea, tendo como suporte teórico autores que estudam a temática, a partir da análise da narrativa “Um copo de Cólera”, de Raduan Nassar.

Sabe-se que as linguagens do amor são múltiplas e, ao longo da história do homem, sofreu influências de diversos meios de comunicação. Com o advento da modernidade, por exemplo, as histórias de amor puderam sair das páginas do romance escrito para transformar-se em imagens e ações. O cinema, ao se apropriar do texto literário, possibilitou intensificar a apreensão do texto através da produção cinematográfica. Diante do espectador/ leitor desfilam imagens produzidas no texto escrito, transfiguradas em movimentos de sons, luz e palavras, do filme. O cinema tem o poder de tornar real todas as representações e discursos que ele apresenta.

Cinema e Literatura, enquanto linguagem, se influenciam mutuamente. Apesar da arte literária ser anterior ao cinema, na sociedade contemporânea, o cinema ganhou relevância e passou a interagir na escrita literária. Ao representar fatos do cotidiano das pessoas, a cena, além de um meio a mais à divulgação da obra escrita, produz formas de pensar, agir e sentir na sociedade. O *mise in scène* das emoções no cinema faz com que espectadores reflitam sobre seus sentimentos e ações, possibilitando mudanças de comportamento, uma espécie de *catarse*, tal como o teatro Grego. A representação fílmica também possibilita uma análise sociológica do texto escrito, corroborando com as teorias apresentadas pelo estudo do comportamento humano.

Dentre as muitas narrativas adaptadas para o cinema, “Um Copo de Cólera” se destaca pela fidelidade com que seu diretor, Aluizio Abranches, e produtor, Flávio R. Tambellini (Brasil, 1998/1999, 72 min.), apropriaram-se da obra homônima do escritor Raduan Nassar, tendo os atores Julia Lemmertz e Alexandre Borges, representando o papel do casal inominado da obra de Raduan Nassar. Nele, o turbilhão de emoções e paixões da narrativa é representado com a máxima fidelidade, fazendo com que o leitor se confunda com o espectador, pois as emoções em ambos (texto e filme) são impactantes na mesma intensidade. Na história apresentada, o amor, o desejo, a sexualidade e o erotismo apontam para a impossibilidade do relacionamento amoroso, face ao contexto de modernidade líquida vigente.

### **A cólera no texto escrito e na tela**

Raduan Nassar escreveu “Um Copo de Cólera” em quinze dias, no ano de 1978. Com traços modernos e contemporâneos, essa novela tem grande representatividade no cenário literário brasileiro, pois apresenta uma intensa carga ideológica na trama. Composto por sete capítulos, Raduan Nassar inovou não só na estrutura formal do texto, com capítulos apresentando um único período e apenas um ponto final, mas também na linguagem utilizada, mesclada com expressões de baixo calão, variáveis onomatopéicas e tom coloquial nas expressões utilizadas. Além disso, utilizando-se do recurso da intertextualidade, o autor cita ao longo da narrativa, pensadores célebres, ao mesmo tempo em que apresenta uma linguagem teatral.

No entanto, o que interessa nesse ensaio é o embate verbal entre o casal inominado da trama, visto como o ponto de maior destaque na obra. Nela, um homem de aparente meia idade, às voltas com questões existenciais, trava uma disputa verbal com uma mulher, que ele denomina de “femeazinha emancipada” e “jornalística de merda”. Como o corpo antes da roupa, os protagonistas/ personagens se despem em todos os aspectos do humano: o físico e o psicológico. Na cama, o casal se liberta de todos os pudores; é o lugar onde o homem emprega artimanhas para que a mulher, com a inteligência feminina atue em sintonia com a performance sexual feita. Mas, esse desnudamento também se dá no campo psicológico: verdades são ditas de forma violenta, num acesso colérico, logo após uma noite de amor. Nesse furor verborrágico, eles vão se despidendo dos seus mais íntimos sentimentos.

Um aspecto que chama atenção nessa narrativa é a forma como o amor é apresentado. O par amoroso de “Um copo de cólera” comporta-se como se fossem dois estranhos e o ato sexual é realizado numa configuração performática. Eles representam um para o outro o tempo todo:

Por uns momentos lá no quarto nós parecíamos dois estranhos que seriam observados por alguém, e este alguém éramos sempre eu e ela, cabendo aos dois ficar de olho no que eu ia fazendo, e não no que ela ia fazendo, por isso eu me sentei na beira da cama e fui tirando calmamente meus sapatos e minha meias, [...] (NASSAR, 1992, p. 12)

Os sete capítulos do livro, obedecidos pela produção cinematográfica, são assim denominados: A chegada; Na cama; O levantar; O banho; O café da manhã; O esporro; e, por último, A chegada. A narrativa tem início com a chegada do narrador em sua casa, uma chácara afastada do centro urbano. “E quando cheguei à tarde na minha casa lá no 27 ela já me aguardava andando pelo gramado [...] (NASSAR, 1992, p. 9). Esse

capítulo, que tem como título A CHEGADA, é curiosamente repetido no último capítulo. No entanto, apesar da narrativa toda ser apresentada pelo homem, quem finaliza é a mulher. No último capítulo, o desfecho da narrativa inicia como as mesmas informações, porém, sob o olhar da mulher: “ E quando cheguei na casa dele lá no 27, estantei que o portão ainda aberto, pois a tarde, fronteira, já ameaçava com o escuro [...] (NASSAR, 1992, p. 82).

O primeiro encontro do par amoroso naquela tarde é marcado por uma atmosfera de silêncio, dúvida, inquietação. No filme, esse estranhamento no encontro inicial é ainda mais emblemático. O olhar que ele direciona à mulher não é de um amante, mas de um estranho. Alguém que para ele é um completo desconhecido. Ele sai do carro e segue em direção à cozinha. Ela, em silêncio, o segue, sempre com o passo atrás. Apesar do livro não informar a localização física dos quartos e cozinha, no filme esses cômodos encontram-se em lugares opostos. A cozinha fica entre o celeiro e os quartos. Essa separação serve como pista para compreender a configuração daquele relacionamento. Ao desmembrar as partes da casa, os roteiristas do filme indicam o que é patente na obra de Raduan Nassar: na sociedade contemporânea, os relacionamentos não se apresentam mais aos moldes da família tradicional. O lugar de atuação, principalmente da mulher, é na cama. Todavia, essa mudança na estrutura da sociedade, principalmente com a ascensão da mulher, ainda causa estranhamento no homem, não raro acompanhado de disputa ou demonstração de poder. Depois do ato sexual, na manhã seguinte, ao descer do quarto e seguir o mesmo percurso até a cozinha, é ele quem a segue. É ela quem assume a frente, fazendo-o segui-la em silêncio.

Entre a chegada do homem e a chegada da mulher, ou seja, entre o capítulo primeiro e o último, o capítulo de maior tensão e o maior também em extensão é “O ESPORRO”. A explosão verbal ocorre numa manhã aparentemente tranqüila, após uma noite de amor. O estopim desse “esporro” foi a descoberta de um rombo na cerca viva da chácara, provocado pelas formigas. O estrago das formigas “tão ordeiras” é transportado para o palco da vida do casal e tem na mulher a causa dos estragos na desintegração da família dita tradicional, onde o poder pertencia ao homem e a submissão da mulher era algo que fazia parte da natureza feminina. A cerca viva rompida pelas formigas encerra a metáfora da própria impotência de não mais poder assumir o controle da situação no relacionamento, de sua impotência diante da própria vida, afinal ele era apenas “um biscateiro graduado” e era ela quem tinha o poder do discurso:

Eu devia cumprimentar a pilantra, não tinha o seu talento, não chegava a isso meu cinismo, fingir indiferença assim perto duma fogueira, dar gargalhadas à beira do sacrifício, e tinha de reconhecer a eficiência do arremedo, um ligeiro branco me varreu um instante a cabeça, senti as pernas de repente amputadas, caí numa total imobilidade[ ...]. (NASSAR, 1992, p. 51)

O “esporro” nessa narrativa, que apresenta uma ambigüidade no próprio nome – pode significar, numa relação sexual, o fluxo de esperma lançado, como também pode referir-se ao despejar verbal de forma abrupta - sinaliza as contradições do relacionamento no cenário líquido da vida moderna, onde os casais são movidos por amores e paixões sem rumos; impulso sexual, mostrando como a fragilidade dos laços humanos pode desintegrar todas as instituições consideradas como sólidas.

[..] já foi o tempo em que via a convivência como viável, só exigindo deste bem comum, piedosamente, o meu quinhão, já foi o tempo em que consentia num contrato, deixando muitas coisas de fora sem ceder contudo no que era vital, já foi o tempo em que reconhecia a existência escandalosa de imaginados valores, coluna vertebral de toda ‘ordem’; mas não tive sequer o sopro necessário, e, negado o respiro, me foi imposto o sufoco; é esta consciência que me libera, é ela hoje que me empurra, são outras agora minhas preocupações, é hoje outro o meu universo de problemas; num mundo estapafúrdio \_ definitivamente fora de foco \_ cedo ou tarde tudo acaba se reduzindo a um ponto de vista, e você que vive paparicando as ciências humanas, nem suspeita que paparica uma piada: impossível ordenar o mundo dos valores, ninguém arruma a casa do capeta; me recuso pois a pensar naquilo em que não mais acredito, seja o amor, a amizade, a família, a igreja, a humanidade; me lixo com tudo isso! me apavora ainda a existência, mas não tenho medo de ficar sozinho, foi conscientemente que escolhi o exílio, me bastando hoje o cinismo dos grandes indiferentes [..] (NASSAR, 1992, p. 54-55)

A cólera, a qual o título faz alusão, corresponde ao momento de fúria, onde cada atuante tenta abater um ao outro. A novela, assim como o filme, que apresenta uma alta carga de sensualidade e explosão verbal dos personagens apontam para uma nova forma de relacionamento humano, muito condizente com a moderna sociedade de consumo. Nele, a convivência harmônica dar lugar a um ambiente de disputa de poder e todos os ideais do amor românticos são postos em xeque. Nessa narrativa não há mais como sustentar o movimento natural da natureza onde “um filho só abandona a casa quando toma uma mulher por esposa e levanta outra casa para nela procriarem”. (Um copo de cólera, p. 79)

É com a descrição da derrota do homem, após a saída da mulher, que finaliza o capítulo do “esporro”. Nesse momento, prostrado no pátio, como que em um processo catártico, ele deixa-se dominar por um choro convulsivo, até ser ajudado pelos caseiros: “[...] os dois tentando me erguer do chão como se erguessem um menino[...]”. (Um copo de cólera, p. 82).

O último capítulo “A chegada”, fecha circularmente a narrativa, com a irrupção do ponto de vista feminino. A jornalista passa, então, no desenlace da novela, a deter a perspectiva narrativa e, com sua volta à casa do amante pode-se apreender o conflito insolúvel que se estabelecia entre o casal. Ele, dominado pelo medo de aprofundamento da relação afetiva com uma mulher independente, liberada, contestadora, transformou-a em anti-sujeito; ela, por sua vez, apresenta as contradições do amor que sentia por ele: desejava-o não só sexualmente, mas como companheiro; enfim, queria as “recompensas da visita” mas também revelava o íntimo desejo de cuidar do objeto amado.

[...] Deitado de lado, a cabeça quase tocando os joelhos recolhidos, ele dormia, não era a primeira vez que me prestaria aos seus caprichos, pois fui tomada de repente por uma virulenta vertigem de ternura, tão súbita e insuspeitada, que eu mal continha o ímpeto de me abrir inteira e prematura pra receber de volta aquele enorme feto. (NASSAR, 1992, p. 84)

### **A fragilidade dos relacionamentos humanos**

A análise da obra de Raduan Nassar permite que se faça uma análise da sociedade contemporânea, pois a obra literária serve como instrumento de compreensão da sociedade. Assim, tomando a forma de relacionamento desta narrativa, percebe-se que a atual sociedade está marcada pelo esfacelamento das relações humanas (BAUMAN, 2004). Nesse mundo marcado pela liquidez nos relacionamentos, homens e mulheres procuram evitar qualquer tipo de união que possa configurar-se como “permanente”. O medo de relacionar-se, no entanto, não evita que as pessoas busquem encontrar alguém para conviver. Bauman afirma que as pessoas estão ávidas para isso, porém, ao mesmo tempo em que desejam um relacionamento, elas não querem perder a liberdade individual nem arcar com os encargos e tensões, próprios de uma união duradoura. Essa é a representação mais profunda da ambivalência presente no “líquido cenário da vida moderna” (BAUMAN, 2004, p. 8). O antagonismo presente no comportamento do homem moderno faz com que os relacionamentos oscilem entre o sonho e o pesadelo. “[...] desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos; forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer sem oprimir...” (BAUMAN, 2004, p. 9). São sob essas premissas que a sociedade contemporânea tenta se assentar.

Bauman observa que as pessoas não desejam mais ter compromissos com o outro. Sem promessas, os relacionamentos flutuam ao sabor do vento. Deixar todas as

portas abertas, essa é a nova ordem para que o relacionamento possa fluir. Sem bases sólidas, o amor na atual modernidade líquida é dissociado da concepção romântica do amor e assume uma multiplicidade de sentidos, expandindo o próprio conceito de amor. Atualmente, “Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’.(BAUMAN, 2004, p. 19). Em “Um copo de cólera” a cama escancarada sinaliza a liberdade com que o casal vive o relacionamento. Esse escancaramento de portas também tem no portão, um elemento simbólico. Na primeira cena do filme, a mulher entra na chácara, após abrir o portão e o deixa aberto, enquanto aguarda a chegada do homem no jardim que, ao entrar na chácara o fecha. No entanto, no último capítulo que descreve “a chegada” da mulher, o mesmo portão se encontra escancarado, sinalizando que alguém está à espera. Os portões abertos simbolizam na narrativa, a abertura ao outro, a necessidade de encontro, mesmo que esse encontro dure uma noite - se encante ao anoitecer para desencantar ao amanhecer.

Para Bauman, amar requer conhecimento e esforço e as pessoas não querem mais esforçar-se para manter um relacionamento, pois, vivendo numa sociedade de consumo, o que mais importa a elas é o prazer imediato. Busca-se “o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea” (BAUMAN, 2004, p. 21). Enfim, as pessoas querem um relacionamento que não exija esforço prolongado, algo que já tenha garantia de seguro total. No entanto, não há segurança quando o assunto é relacionamento. E, numa união amorosa, um é sempre a grande incógnita do outro. Essa premissa de Bauman é percebida com muita clareza na obra e no filme: o olhar distanciado, o silenciamento do homem, a tentativa desesperada da mulher de aproximar do amante, enfim, na narrativa pouco se sabe dos sentimentos do casal, já que eles fazem daquele encontro uma performance teatral. Eles representavam o amor que deveras sentia um pelo outro, mas que já não cabia mais nas suas vidas.

Ao fazer uma análise da história do amor no ocidente, Giddens (1993) e Fromm (2000) pontuam que a união marital sofreu profundas transformações na história e que no atual contexto de sociedade, o amor assenta-se sob novos paradigmas. Segundo esses autores, a condição de estar apaixonado para relacionar-se é algo atual. Na era vitoriana, assim como em muitas culturas tradicionais, amar não era uma experiência espontânea que podia levar ao casamento. Ao contrário, o casamento era contraído por convenção, seja por meio das respectivas famílias ou de um casamenteiro; o casamento era decidido com base em considerações sociais, e supunha-se que o amor se desenvolveria com o tempo. Com o advento do romantismo, as pessoas passaram a buscar um “amor

romântico”. A liberdade de escolher a pessoa amada para casar-se modificou as antigas regras sociais reservadas ao casamento.

Na contemporaneidade, apesar do amor permear a escolha da pessoa amada, o relacionamento desvinculou-se do ideal romântico de uma união assentada nos preceitos cristãos onde o que Deus uniu, o homem jamais separa, a não ser pela morte, para assumir um nova configuração condizente com a sociedade pós-moderna consumista e de relações descartáveis. A felicidade do homem moderno, segundo Bauman, está na possibilidade de encontrar além de algo atraente aos olhos, alguém que seja um pacote de qualidades que possibilitem satisfação garantida e sem esforço.

[...] numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço” (BAUMAN, 2004, p. 22)

Ao apresentar a teoria do amor, Fromm (2000) pontua que a busca incessante pelo amor representa uma resposta para o problema da existência humana. O homem ao separar-se da natureza, tomou consciência de sua solidão e de seu estado de separação. Por isso, ele precisa unir-se a outro ser humano para suportar viver. O amor surge então como solução ao desamparo e ansiedade do homem. “A consciência da separação humana, sem reunião por meio do amor, é a fonte da vergonha. Ela é ao mesmo tempo a fonte da culpa e da ansiedade.” (FROMM, 2000, p. 12).

Na busca de resolver o estado de separação, a solução está no estado orgástico. O orgasmo sexual representa uma tentativa de escapar à ansiedade provocada pelo estado de separação. No entanto, essa sensação de união é momentânea “na medida em que o ato sexual sem amor só vence a distância entre dois seres humanos momentaneamente.” (FROMM, 2000, p. 15). Remetendo ao texto de Nassar, percebe que a união do casal só é possível e completa durante o ato sexual:

Quando os dois de joelhos medíamos o caminho mais prolongado de um único beijo, nossas mãos em palma se colando, os braços se abrindo num exercício quase cristão, nossos dentes mordendo ao outro a boca como se mordesse a carne macia do coração, [...] (NASSAR, 1992, p. 15)

Pelo estado orgástico, eles se completavam, mas essa completude era momentânea, só durava o tempo do amor. Depois da fusão, a reação do homem era a fuga, o afastamento. Ela, tal como uma “trepadeira” ainda tentava segurá-lo, mas sem



sucesso, pois não há como sustentar um relacionamento baseado apenas no sexo. O amor exige muito além do prazer proporcionado pelo estado orgástico.

O desejo de fusão interpessoal é o impulso mais poderoso que há no homem. Sem amor, a humanidade não poderia existir um só dia. O amor é um sentimento que afeta todas as pessoas, independente de cultura, classe social, gênero, raça ou crença religiosa. O amor atormenta o corpo e a mente, conduz muitos a um impasse, um escândalo ou a uma tragédia; mais também, ele ilumina a vida e faz com que o coração se expanda e transborde de alegria. Na análise que faz do amor, Fromm estabelece alguns princípios para a manutenção do sentimento amoroso: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento.

O amor implica cuidados porque ele está diretamente ligado com a vida, logo como a essência do amor é “dedicar trabalho” a uma coisa e fazê-la crescer, amor e trabalho são inseparáveis. “Amamos aquilo que nos custa trabalho, e dedicamos trabalho ao que amamos” (FROMM, 2000, p. 34). Entretanto cuidado e preocupação implicam outro aspecto do amor: a responsabilidade. No amor entre adultos, a responsabilidade se refere às necessidades psíquicas do outro. Mas a responsabilidade poderia transforma-se em possessividade e dominação se não fosse um terceiro componente do amor: o respeito. Respeitar uma pessoa é ter a capacidade de ver uma pessoa como ela é, ter consciência de sua individualidade: “Respeito significa ausência de exploração” (FROMM, 2000, p. 35). Porém, responsabilidade e respeito devem ser permeados pelo conhecimento, já que não é possível amar uma pessoa desconhecida.

Assim, a prática desses princípios no convívio com o outro corroboram para que os relacionamentos sejam saudáveis, livre de qualquer tipo de discriminação e exclusão social. Eles são importantes porque garantem a preservação da auto-identidade (*self*). O amor sempre parte do individual, mas visa sempre sua comunhão com o social. Através do amor é possível chegar até o conhecimento do outro. “No ato de fusão, eu conheço você, me conheço, conheço todo o mundo – e não ‘conheço nada’.” (FROMM, 2000, p. 38). A plenitude do amor em um relacionamento está no mergulho ousado da experiência da união, ao mesmo tempo que se busca o conhecimento psicológico.

Entretanto, a busca do amor é perpassada pela necessidade biológica. O desejo de união entre os pólos masculinos e femininos tem no mito do andrógino a explicação dessa busca incansável pela outra metade que irá completar a falta que existe em cada ser. Assim como na mitologia grega, a busca da unidade original também está presente no ideário cristão, no mito da origem do homem. Eva ser feita a partir da costela de

Adão, explica a polarização sexual, a qual leva o homem a buscar a união através do sexo. Essa polaridade leva também a outras discussões sobre o amor e o sexo. Fromm vê o desejo sexual como a manifestação da necessidade de amor e união. Essa união com o outro é analisado pelo autor como amor erótico. O amor erótico busca a fusão e pela sua natureza, ele é exclusivo e não universal. Esta é a forma mais enganadora de amor. Na análise de Fromm:

[...] o amor erótico costuma ser confundido com a explosiva experiência de se apaixonar, com esse súbito colapso das barreiras que existiam até então entre estranhos. Mas, [...] essa experiência de uma intimidade súbita é por sua natureza mesma, de curta duração. Depois que o estranho se tornou uma pessoa conhecida na intimidade, não há mais barreiras a serem superadas, não há mais proximidade súbita a ser consumada. A pessoa “amada” se torna tão conhecida quanto você mesma – ou talvez [...] tão pouco conhecida. (FROMM, 2000, p. 66)

Esse estranhamento ocorre porque a intimidade é estabelecida, principalmente pelo contato sexual. Assim, o amor erótico se sustenta até que os estranhos quebrem todas as barreiras que os separam e passem a participar da intimidade do outro. Por isso, esse amor é de curta duração, ao desnudar a intimidade do outro, o amor perde o encantamento.

Após a Segunda Guerra Mundial, estabeleceu-se uma concepção de amor em que se supunha que a satisfação sexual mútua era a base de relações amorosas satisfatórias, e especialmente, de um casamento feliz. Os problemas do casamento estavam no desajuste sexual do casal. É nesse período que começam a surgir os livros que davam instruções sobre o comportamento sexual correto, sob a promessa de restabelecer a felicidade do casal. No entanto, o desejo de fusão pela relação sexual não garante o amor. Para que haja amor, a união deve ser também baseada no amor fraterno, o qual é considerado como o tipo mais fundamental do amor, por apresentar todos os princípios do amor (cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento). Sem isso, o encontro amoroso não passará de uma união orgástica e transitória (FROMM, 2000). A atração sexual cria apenas uma falsa idéia de união. Os estranhos só conseguem na intimidade apenas durante a relação sexual, distanciando-se após a união orgástica.

A capacidade de amar alguém é determinada pela cultura do lugar onde está o indivíduo. Nas sociedades capitalistas, o mercado de trabalho e a liberdade política são os reguladores de todas as relações econômicas e sociais, exercendo uma influência profunda na estrutura do caráter do homem moderno. Como resultado, a forma de organização social foi transferida para o relacionamento. As pessoas procuram estar juntas, mas permanecem sozinhas, invadidas pelo profundo sentimento de insegurança e

ansiedade. As pessoas, apesar de viver numa sociedade da informação e comunicação, quando se trata de relacionamento, o silêncio toma conta do par amoroso, levando ao fracasso qualquer tentativa de união. O fracasso na comunicação leva ao fracasso do relacionamento (BAUMAN, 2004). “O que você tem?” Essa é a pergunta da mulher em “Um copo de cólera. Ele nada responde. Não existe comunicação possível entre os dois. Enquanto ele olha o vermelhidão do poete, ela tenta, em vão, tornar-se parte do mundo dele.

### **O amor nos tempos de transformação da intimidade**

O amor nas sociedades modernas, ao mesmo tempo em que é cultuado, é visto como algo desafiador, face ao crescente processo de individualização. O amor é sempre contradição. Para Bauman (2004), onde há dois, há dúvida. A ambivalência faz do encontro amoroso o lugar das contradições. Estar junto pode representar prazer, segurança, afeição, verdade, mas também pode ser o oposto de tudo isso: insegurança, solidão, medo, disputa.

Essa ambigüidade do amor revela a própria ambigüidade da vida. As profundas transformações pela qual a sociedade vem passando no nível do relacionamento servem para confirmar a idéia de sujeito fragmentado proposto por Hall (1992). Segundo esse autor, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado” (HALL, 1992, p.7). Assim, não há mais como sustentar que o homem não sofra transformações na forma de pensar e agir ao longo de sua vida. Assim, nas sociedades modernas, os valores tradicionais – mantidos e cultuados pelas sociedades tradicionais – são re-significados e a produção de sentido torna-se condizente com a realidade social emergente. Segundo Giddens (1991), em todas as culturas, as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz de descobertas sucessivas que passam a transformá-la. Hall (1992), ao analisar essa modificação na sociedade, que ele situa no final do século XX, afirma que a fragmentação sujeito produz identidades múltiplas, algumas vezes contraditórias e não resolvidas.

Tais transformações têm nos relacionamentos o ponto central de todas as mudanças que ocorrem com o sujeito, pois na sociedade moderna, a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante

variados. “[...] a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais” (GIDDENS, 1993, p. 25).

Na sociedade moderna, o sexo não é mais conduzido às escondidas. Ao contrário, ele vem sendo constantemente discutido e investigado. A revolução sexual ocorrida a partir da segunda metade do século XX teve como elemento básico a autonomia sexual feminina. Os métodos contraceptivos liberaram o sexo da reprodução, modificando a forma de relacionamento entre os casais, possibilitando o surgimento da “Sexualidade Plástica”, termo cunhado por Giddens para o fenômeno moderno caracterizado pela sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Esse fenômeno vai atingir notadamente as mulheres, libertando-a do julgo masculino, dando-lhe uma autonomia sexual. O livre-arbítrio proporcionado pela sexualidade plástica provocou mudanças irreversíveis na sociedade, principalmente com relação às mulheres. Como consequência, a busca de prazer sexual por parte das mulheres desencadeou uma crise nos relacionamentos, pois o homem percebeu que já não poderia mais controlar a sexualidade feminina, abrindo um abismo emocional entre os sexos.

Em um mundo de igualdade sexual crescente - ainda que tal igualdade esteja longe de ser completo - ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento, em relação um ao outro. Os ajustes exigidos das mulheres são consideráveis, mas na novela de Raduan Nassar, a forma como a mulher assume o discurso, não é visto com muita simpatia pelo homem. A independência da mulher, o crescimento intelectual que ultrapassa o conhecimento do homem, torna-a uma mulher independente, dona de sua vida e de seu destino. Quanto ao homem, já que não consegue ser superior na vida social e intelectual, auto-denomina-se apenas como “uma besta vagamente interessante”. Porém, a arma de dominação utilizada é o sexo. O sexo é a última fronteira de dominação masculina. Na novela, o sexo representa a arma encontrada pelo homem para subjugar a mulher. Tentativa infeliz de impor superioridade, o tempo todo ele afirma que tudo que ela aprendera na cama tinha sido por causa dele. “[...] você só trepava como donzela, que sem minha alavanca você não é porra nenhuma, que eu tenho outra vida e outro peso, [...]”. (Um copo de cólera, p. 49)

A obra de Nassar também remete para uma outra discussão, a busca do prazer sexual por parte das mulheres. Durante muito tempo estereótipos criados sobre a

sexualidade feminina traduziam em muito o preconceito que se tinha sobre a mulher, numa tentativa de manter uma superioridade masculina. Um deles é a idéia de que “as mulheres querem amor, os homens querem sexo”. Essa observação não condiz com a nova paisagem cultural. Na modernidade, as mulheres se libertaram do julgo masculino para expressarem livremente que elas também querem sexo. A mulher busca o prazer sexual como componente básico de suas vidas e de seus relacionamentos. (GIDDENS, 1993).

A sociedade moderna quebrou com os estereótipos sustentados pela sociedade tradicional e, atualmente, não há mais uma separação de objetivos buscados no encontro amoroso. Homens e mulheres querem de maneira igual, o amor e o prazer sexual. A diferença está na forma como é compreendido o prazer sexual feminino. Desde o momento que a mulher assumiu o seu lugar na sociedade, os homens passaram a se preocupar com o prazer sexual da sua parceira. Essa preocupação, impensável em sociedades patriarcais, assume o ponto chave para a manutenção dos relacionamentos na sociedade moderna. Outro fato importante é a liberdade que a mulher passou a ter em relatar suas experiências sexuais, sem parecer anormal. Em “Um copo de cólera”, a mulher expressa as sensações tidas durante o ato sexual com muita naturalidade. Ela descrevia a experiência do gozo, falando da segurança com que ele conduzia o ato sexual, transformando-o num ritual.

A transformação da intimidade possibilitou uma democratização das relações interpessoais compatível com a democracia na esfera pública, constituindo como fator de influência sobre as instituições modernas. Segundo Giddens (1993), as alterações ao nível do comportamento sexual atingiram mais as mulheres que os homens. Tais alterações estão associadas à acessibilidade das mulheres ao contato sexual, colocando-as em pé de igualdade com os homens: “As mulheres deixaram de ser tolerantes perante a perspectiva de que se deve comportar de maneira diferente dos homens” (GIDDENS, 1993, p. 8). Graças à sexualidade plástica, a mulher pode ter autonomia sexual, decidindo por si só a forma de união com o parceiro. A separação entre casamento, sexualidade, liberdade sexual, assim como a saída das mulheres da casa paterna e a entrada em compromissos formais no mundo do trabalho, são fatores que contribuíram para a reestruturação do discurso e da visão feminina do casamento.

Essa nova configuração de união presente na modernidade líquida provocou a desintegração de muitas instituições tidas como sólidas. A família nuclear, por exemplo, sofreu profundas mudanças, gerando modificações nos laços familiares, termo que

Giddens (1993) chama de famílias recombinaadas, as quais estão em sintonia com a moderna sociedade da separação e do divórcio. Atualmente, fala-se numa organização familiar sem compromisso. Trata-se dos Casais Semi-separados (CSS). Essa nova forma de relacionamento é considerada como revolucionário porque “rompeu a sufocante bolha do casal” (BAUMAN, 2004). Nesses relacionamentos, não há vínculos entre casais. Eles não dividem o lar, nem as atividades domésticas, nem contas bancárias. Ficam juntos apenas quando estão a fim. Os casais semi-separados podem até resolver o problema da liberdade individual, mas, no entanto, essa forma de união não resolve o problema da solidão, aliás, faz com que o sentimento de incompletude se acentua ainda mais. O amor não consegue se sustentar sem a idéia do compromisso, pois faz parte da “natureza” humana algum tipo de contrato, mesmo que simbólico, para que a união possa fluir. Esse “contrato” é a garantia da união, pois permite que os envolvidos no relacionamento amoroso sintam-se amados e protegidos um pelo outro.

A narrativa de Raduan Nassar finaliza o capítulo do “esporro” apresentando essa realidade. A saída da mulher provocou no amante uma reação de extrema fragilidade. No filme, enquanto o homem se abraça com a terra, após deixar-se cair no solo, relembra a infância, a mãe com o pai e os irmãos. Como depositária espiritual de um patrimônio escasso (família), sua mãe ensina que “o amor é a única razão da vida” (Um copo de cólera, p. 79). O retrato da família contrasta com a sua situação de solidão e insegurança.

No último capítulo, no momento da chegada da mulher à casa, a imagem do homem apresentada ao leitor/ expectador revela o ápice da fragilidade humana. A posição fetal com que ele é encontrado desperta na mulher um sentimento materno, vontade de cuidar, tomar para si. O corpo antes da roupa é o mesmo para todas as pessoas: frágil e carente de amor.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- FROMM, Erich. **A arte de amar**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

\_\_\_\_\_. **As conseqüências da Modernidade.** Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

NASSAR, Raduan. **Um copo de Cólera.** São Paulo: companhia das Letras, 1992.

PAZ, Octávio. **A Dupla Chama: Amor e Erotismo.** Trad. Wladyr Duport. São Paulo: Siciliano, 1994.